

Marta Traquino

A Arte como um estado de encontro

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | sandravieirajurgens@gmail.com

Artista plástica e investigadora, Marta Traquino tem explorado a relação entre a arte contemporânea e o espaço físico, vivido, procurando cruzar experiências e reflexões em torno de intervenções artísticas que contemplem influências múltiplas entre o contexto arquitectónico, o lugar, a esfera pública, a comunidade e o seu quotidiano. Com o título “A Construção do Lugar pela Arte Contemporânea” (ISCTE, 2006), a sua tese de dissertação expõe várias questões relacionadas com estes temas, considerando o significado, a abrangência crítica, teórica e prática de novas formas de interacção, com o meio envolvente.

arqla: A sua investigação teórica e prática artística está muito relacionada com o uso e interacção com o espaço. O que é essencial na sua abordagem? A definição de espaço? A relação com o lugar?

Marta Traquino: Antes de mais é importante referir que as dimensões de Espaço e Lugar, em causa na minha investigação (teórica e prática), se relacionam com a vivência de realidades físicas, concretas, localizáveis geograficamente. Portanto não estão em causa espacialidades ou lugares virtuais. Elas focam propostas artísticas em contextos urbanos. Em relação à minha presente prática artística, interessa-me a criação de intervenções em determinados espaços físicos que de algum modo catalisem a percepção do sujeito face ao contexto arquitectónico no qual se encontra. São uma espécie de “arquitecturas efémeras” que equacionam a nossa relação com “arquitecturas permanentes”. Realizadas em espaços interiores e, por vezes, até intimistas, propõem, pela experiência individual, a tomada de consciência de uma situação específica num “micro-contexto” que se pode transferir para a escala de um “macro-contexto”. É a percepção do espaço que está em questão, através de um processo aberto de auto-questionamento, não a sua definição. Se deste processo derivar um sentido de lugar e, consequentemente, a relação com este, será uma construção do sujeito experienciador, não é uma condição imposta. Interessa-me, aliás, perceber o que acontece neste sentido.

Na minha investigação teórica está em foco a construção do Lugar pela arte contemporânea, o que leva necessariamente à prévia reflexão sobre a reconfiguração da conceptualização do Espaço a partir da década de sessenta do séc. XX, pois as práticas artísticas de abordagem ao Lugar têm como antecedentes (no panorama da história da arte) as abordagens ao Espaço a partir desta época, sendo que as últimas não implicam necessariamente as primeiras. Procurar definir o que está em causa, quando se fala de Espaço na condição contemporânea, é essencial para se entender como é possível emergir o Lugar, num mundo onde grande parte das pessoas estão desintegradas dos seus lugares de origem e dos lugares onde se encontram, não por opção, mas por necessidade ou, mesmo, por imposição. É importante referir que o conceito de Espaço aqui em causa não é de carácter abstracto, neutro, com base em antigas concepções filosóficas, mas sim com dimensão estratégica, política, instrumental. Trata-se do espaço vivido, socialmente produzido, do qual os lugares ou a sua ausência derivam. Interessa-me a reflexão sobre como determinadas práticas de arte contemporânea actuam neste processo e portanto, naturalmente, é essencial na minha abordagem teórica a “relação com lugar” posterior à “definição de espaço”.

arqla: Apesar de surgirem novas configurações no domínio das propostas artísticas *site-specific*, iniciadas há quase quatro décadas, ou mesmo das instalações, existe a sensação de que estes são campos inovadores da arte contemporânea actual?

MT: Não gosto de generalizar. Para mim não é importante avaliar se o domínio das propostas artísticas *site-specific* (ou das instalações) é hoje ou não inovador como se de uma tendência ou moda se tratasse. Essa será uma preocupação talvez necessária aos discursos de críticos, curadores e historiadores de arte, não é do meu interesse. Há que ter em conta que dentro da designação *site-specific* cabe muita coisa no panorama artístico actual. Grande parte das propostas que são fundamentadas com base no termo não chegam muitas das vezes a estabelecer qualquer relação com a especificidade do sítio no qual se apresentam, ou fazem-no superficialmente. Prefiro considerar a individualidade dos casos. Se pensarmos no que a própria designação pressupõe claro que o potencial de “inovação” é inerente, pois trabalhar realmente com a especificidade do sítio implica activar a experiência do “aqui e agora” que, por natureza, é única e irrepetível, portanto sempre inovadora. Por outro lado, a Instalação, pelas características que a distinguem, por exemplo, da pintura ou da escultura, também será o campo da arte contemporânea onde mais se possibilita a experiência do observador enquanto elemento constituinte da própria proposta artística. Se este dado, sempre imprevisível, for contemplado pelo artista em relação com as problemáticas actuais, relativas à percepção do espaço e do tempo, ou relativas ao Espaço e Lugar, por relação com as realidades das grandes metrópoles... o potencial inovador das propostas artísticas *site-specific* é bastante amplo, claro. Mas, antes de mais, o que importa é a pertinência da proposta. Como diz a artista Laurie Anderson, que sempre trabalhou com novas tecnologias, um trabalho perfeitamente relevante pode ser feito apenas com um pincel.

arqla: Falemos de espaço e de arte pública. Tem desenvolvido muita investigação sobre a relação entre a arte e o contexto espacial, social, cultural. Qual é o potencial da arte enquanto domínio de reflexão, participação e apropriação do espaço público?

MT: Tal como já defendi no meu trabalho escrito, existem propostas artísticas no espaço público que podem dar “voz” ao “silêncio” dos utilizadores do espaço, maioritariamente produzido pelo poder político e económico, dando lugar a subjectividades e a dimensões menos evidentes que dificilmente encontram possibilidades de expressão. O designado “espaço público” das cidades está cheio de contradições que a arte pode “revelar” gerando processos de experiência e conhecimento que activam a crítica desse mesmo espaço, contrariando assim o “síndrome de telespectador” de que é alvo o habitante do espaço urbano dominado pelos interesses de poderosas entidades privadas. Tais propostas têm o potencial de nutrir a imaginação crítica da cidade.

Em relação às outras áreas de investigação, sobre a problemática do Espaço, estas propostas artísticas demarcam-se pela capacidade de intervenção e interacção com base numa abordagem de carácter dinâmico, focada no uso do espaço e, por consequência, na observação dos movimentos de



Marta Traquino, "Travessia de Fronteira (Parte II)", vista da instalação, Museu Nacional de História Natural (Lisboa), 2007. Fotografia: Paulo T. Silva.



IMPOSSIBLE SITES dans la rue, Dakar 2009. Fotografia: Davide Bozzalla.

quem aí se desloca. Por exemplo, é característica comum a muitos projectos *site-specific* a utilização de procedimentos, métodos, materiais e escala característicos da arquitectura, o que permite à arte a possibilidade da sua crítica eficaz. A arte que utiliza a escala da arquitectura, mas não as suas limitações físicas nem as suas regras, procura um diálogo entre o “espaço estático” construído e o “espaço dinâmico” gerado pelas acções que nele se desenvolvem. A arte interfere na arquitectura, dinamizando-a ou revelando falhas.

Quanto à arte no espaço público, que trabalha com a dimensão do Lugar, vai ao encontro de pessoas que fazem parte do público anónimo, focando micro-situações, agindo com o Outro na sua pluriformidade, mediando e reconstruindo referências que aproximam as pessoas dos seus contextos quotidianos facilitando, assim, a existência e a prática de valores de cidadania.

arqla: A arte no espaço público tem sido alvo de muitas críticas e de continuas revisões teóricas na perspectiva de a entender. O que é que caracteriza o pensamento actual sobre a arte pública contemporânea?

MT: O pensamento actual sobre a arte pública é bastante heterogéneo e polémico, pois grande parte das propostas que assim se designam servem apenas para marcar mais uns “pontos” nos currículos pessoais de artistas, curadores e autarquias (sobretudo no contexto nacional), resultando em adornos decorativos que fazem uso do artifício da monumentalidade pelo exercício da escala. Existem também enormes equívocos no que respeita o que significa abordar o Espaço ou o Lugar nos designados projectos *site-specific* de contexto urbano... Penso que o que caracteriza de um modo geral a vertente mais informada e pertinente do pensamento actual sobre a arte pública são, essencialmente, duas grandes prioridades: o entendimento do que são as grandes questões que a Cidade de hoje enfrenta, a globalização,

a sustentabilidade, a exclusão social, etc., e como estas a reconfiguram; por consequência, uma urgente revisão sobre o que na realidade deve caracterizar o espaço que se pode identificar como público. E, aqui, destaco o tópico da mobilidade, das condições de acesso a esse espaço..

arqla: E de entre as diversas práticas e tendências de intervenção artística realizadas no meio público quais destacaria como novas abordagens, mais interessantes e produtivas.

MT: Destaco as que têm por base: modelos de acção e de sociabilidade situada; uma estética do inter-humano, do reencontro, da proximidade, tomando o diálogo como o princípio de um processo que leva à construção de “imagens” baseadas no desenvolvimento de experiências; resistência à formatação social sob influência dos média; uma “forma” sem limites materiais de um objecto produzido, mas equivalendo ao princípio de aglutinação dinâmica de um conjunto de acções e relações que se produzem num dado espaço-tempo e que sensibilizam para o sentido de se habitar um mundo em comum.

arqla: No passado mês de Julho estive a participar no seminário “Interstices: Carving (And Painting) Urban Environments”, com a apresentação de uma comunicação cujo título era “Da observação da Cidade através das Paredes”. Quais são as grandes características destes projectos de apropriação artística no espaço urbano? É possível identificar hoje a existência de intervenções neste domínio plenamente legitimadas no meio artístico?

MT: É importante referir que o seminário, realizado este ano no ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa), é da iniciativa do grupo independente e internacional *On Walls* que investiga os usos das paredes em contextos urbanos por parte dos cidadãos como meio/suporte de



(à esquerda) Marta Traquino, “Entre”, vistas da instalação, 3º andar no Chiado (Lisboa), 2005. Fotografias: Daniel Malhão.

(à direita) Marta Traquino, “Dentro do Ar - Espaço 4”, Lambda print s/ aluocolic 100 x 100 cm, (fragmento da instalação), Museu Nacional de História Natural (Lisboa), 2004.



O designado “espaço público” das cidades está cheio de contradições que a arte pode “revelar” gerando processos de experiência e conhecimento que activam a crítica desse mesmo espaço, contrariando assim o “síndrome de telespectador” de que é alvo o habitante do espaço urbano dominado pelos interesses de poderosas entidades privadas. Tais propostas têm o potencial de nutrir a imaginação crítica da cidade.

expressão. Nesta sua segunda edição, sendo que a primeira se realizou em Trento, em 2008, o ponto de partida eram as seguintes questões: Como conceptualizar, descobrir e descrever os interstícios urbanos? Qual é a localização e a função destes lugares intersticiais num ambiente urbano ordenado e disciplinado? Como é que contribuem para a construção das cidades e das suas representações? O que acontece nos interstícios urbanos? Que tipo de fenómenos, acontecimentos, interacções sociais estes espaços atraem? Como é que as paredes contribuem para a definição de áreas intersticiais na cidade? O que acontece às paredes nos interstícios urbanos? Como são utilizadas?

Portanto, não se trata apenas de projectos artísticos mas, de um modo geral, podemos dizer que são projectos que actuam como práticas de reacção/resistência face à complexa transformação do espaço público sob as novas formas de controlo e de funcionamento do capitalismo contemporâneo. Na sua maioria devem ser entendidas enquanto acções que evocam invisibilidades urbanas e que reclamam o direito à cidade. Ou seja, pela sua natureza e razão de ser, a legitimação pelo meio

artístico seria uma contradição, sobretudo se questionarmos: De que “meio artístico” estamos a falar? Quem são as instâncias que legitimam e sob que critérios o fazem em relação a tais práticas?... Porque não se trata de práticas afins aos poderes políticos e económicos. Há que duvidar das intervenções neste domínio que sejam “plenamente legitimadas no meio artístico”...

arq|a: Por último, que livros destacaria na produção teórica que versem sobre a definição de conceitos e e projectos de intervenção pública/comunitária?

MT: Confesso que não me agrada muito a ideia de aqui fazer qualquer tipo de publicidade, ainda que de livros se trate. Deixo apenas duas propostas, que cronologicamente delimitam o período das últimas quatro décadas, ao longo do qual se definiram as problemáticas que se relacionam com a nossa conversa. A primeira é o livro *Le droit à la ville* (O direito à cidade), de Henri Lefebvre, (1968). A segunda é o recente *The Practice of Public Art* (A Prática da Arte Pública), editado por Cameron Cartiere e Shelly Willis, (2008). ■



Alfred Jaar, “Muxima” (still), 2005.